

A REPÚBLICA DE PLATÃO E A MAÇONARIA

Ir.º. Ismael de Jesus Morales

A construção do homem justo e sábio

Submeto à reflexão desta Augusta Loja algumas considerações acerca da obra *A República* de Platão, buscando estabelecer paralelos entre sua concepção de justiça e conhecimento e o ideal formativo da Maçonaria. Que o Grande Arquiteto do Universo nos conceda discernimento para compreender e humildade para aprender. A obra *A República*, escrita por Platão no século IV a.C., é considerada a primeira grande reflexão sobre uma sociedade ideal. Nela, o filósofo investiga o conhecimento, a justiça, a verdade e o bem, propondo a formação de um homem justo como fundamento de uma cidade justa. Platão inicia sua busca declarando-se ignorante. Essa postura é profundamente significativa: aquele que pensa saber tudo nada sabe, pois o verdadeiro sábio reconhece que está em constante aprendizado. Essa ideia encontra eco direto na Maçonaria. O verdadeiro maçom não se coloca acima de ninguém; ele reconhece que saiu das trevas apenas para vislumbrar a luz. Por isso, não somos eternos aprendizes, mas jamais deixamos de aprender; o conhecimento é a base do nosso aprimoramento moral e espiritual. Depois do conhecimento, Platão se debruça sobre a Justiça. Para ele, justiça é aquilo que promove o bem de todos, nunca o interesse particular acima do coletivo. Essa concepção aproxima-se do princípio do bem comum: não pode haver verdadeira ordem onde prevalece a lei do mais forte. Na Maçonaria, isso se traduz na construção de templos à virtude e masmorras aos vícios. Especialmente no Grau de Aprendiz, aprendemos a dominar paixões, preconceitos e ambições desordenadas. Sem justiça, não há sabedoria; sem sabedoria, não há verdadeira liderança. Platão também afirma que as pessoas ocupam funções diferentes na sociedade, mas todas são necessárias. Quando cada um cumpre seu papel com retidão, a cidade se harmoniza. Assim também é na Maçonaria: hierárquica, organizada, funcionando como um relógio simbólico onde cada grau tem sua função.

Ele apresenta então a célebre divisão das almas:

- Almas de Bronze;
- Almas de Prata;
- Almas de Ouro.

Permitindo-me uma ampliação simbólica, proponho também:

- Almas de Ferro, e
- Almas de Diamante.

As **Almas de Ferro** representam o estágio inicial do homem ainda não desperto para a vida iniciática — não por inferioridade, mas por desconhecimento. Quando esse homem busca a luz e é iniciado, começa o processo de lapidação da pedra bruta.

A **Alma de Bronze** corresponde ao Aprendiz. É o estágio do esforço disciplinado, da temperança e do domínio dos desejos. O homem começa a agir com consciência moral e responsabilidade.

A **Alma de Prata** representa o Companheiro. Aqui se desenvolve a coragem e o respeito à Lei. A consciência amplia-se do individual para o coletivo. Surge o espírito de serviço e defesa dos valores.

A **Alma de Ouro** corresponde ao Mestre Maçom. É aquele que aprendeu a dialogar, refletir e servir à humanidade. Já não vive apenas para si, mas para o bem maior. É o homem que busca morrer para o ego e viver para o ideal.

Por fim, simbolicamente, a **Alma de Diamante** representa aquele que, pela experiência, maturidade e sabedoria, torna-se apto a conduzir. Não pelo poder, mas pelo mérito moral. Para Platão, somente os mais sábios devem governar — uma aristocracia da virtude, não da riqueza.

Um dos pontos mais marcantes da obra é o Mito da Caverna. Resumidamente, Platão descreve homens acorrentados desde a infância, vendo apenas sombras projetadas na parede. Para eles, aquelas sombras são a realidade. Contudo, um deles se liberta, vê o mundo exterior e compreende a verdade. Ao retornar para contar aos outros, é incompreendido.

Esse mito possui profundo significado iniciático

O homem profano vive preso às sombras dos sentidos e das ilusões. A iniciação é o momento em que ele é conduzido da escuridão para a luz. A venda simboliza a ignorância; a retirada da venda simboliza o despertar. O mundo sensível é transitório. O mundo inteligível — o mundo das ideias, dos arquétipos, do Bem Supremo — é a verdadeira realidade. O maçom é chamado a ultrapassar as sombras e buscar o mundo da essência, aproximando-se do ideal divino representado pelo Grande Arquiteto do Universo. Mas Platão vai além: aquele que alcança a luz tem o dever de voltar à caverna para ajudar os outros. Eis a dimensão ética e política da filosofia platônica. Assim também o Mestre Maçom não vive apenas para sua própria iluminação. Ele deve orientar, instruir e servir. Sua vida deve ser exemplo dentro e fora da Loja. Portanto, a República de Platão não é apenas um tratado político; é um tratado sobre a formação do homem justo. Assim, meus Irmãos, a reflexão de Platão nos lembra que a construção de uma sociedade justa começa pela construção do homem justo. Esse é também o ideal maçônico: formar homens conscientes, retos e comprometidos com o bem comum. Que não vivamos nas sombras, mas busquemos a Luz. Que não apenas conheçamos a Justiça, mas a pratiquemos. E que, iluminados pelo Grande Arquiteto do Universo, sejamos instrumentos vivos do Bem, dentro e fora do Templo.

BIBLIOGRAFIA:

- PLATÃO: in A República. Editora Martin Claret. São Paulo - SP.2006;
- Tratados da Enéadas – Plotino →Considerações sobre o Belo – 1ª/2000 – 2ª reimpressão 2007;
- ARTIGO: O princípio ético do bem comum e a concepção jurídica do interesse público - Ives Gandra da Silva Martins Filho;
- A Vida Oculta na Maçonaria, C. W. Leadbeater;
- Bíblia (especificamente Mateus 5:48 e Salmo 91).